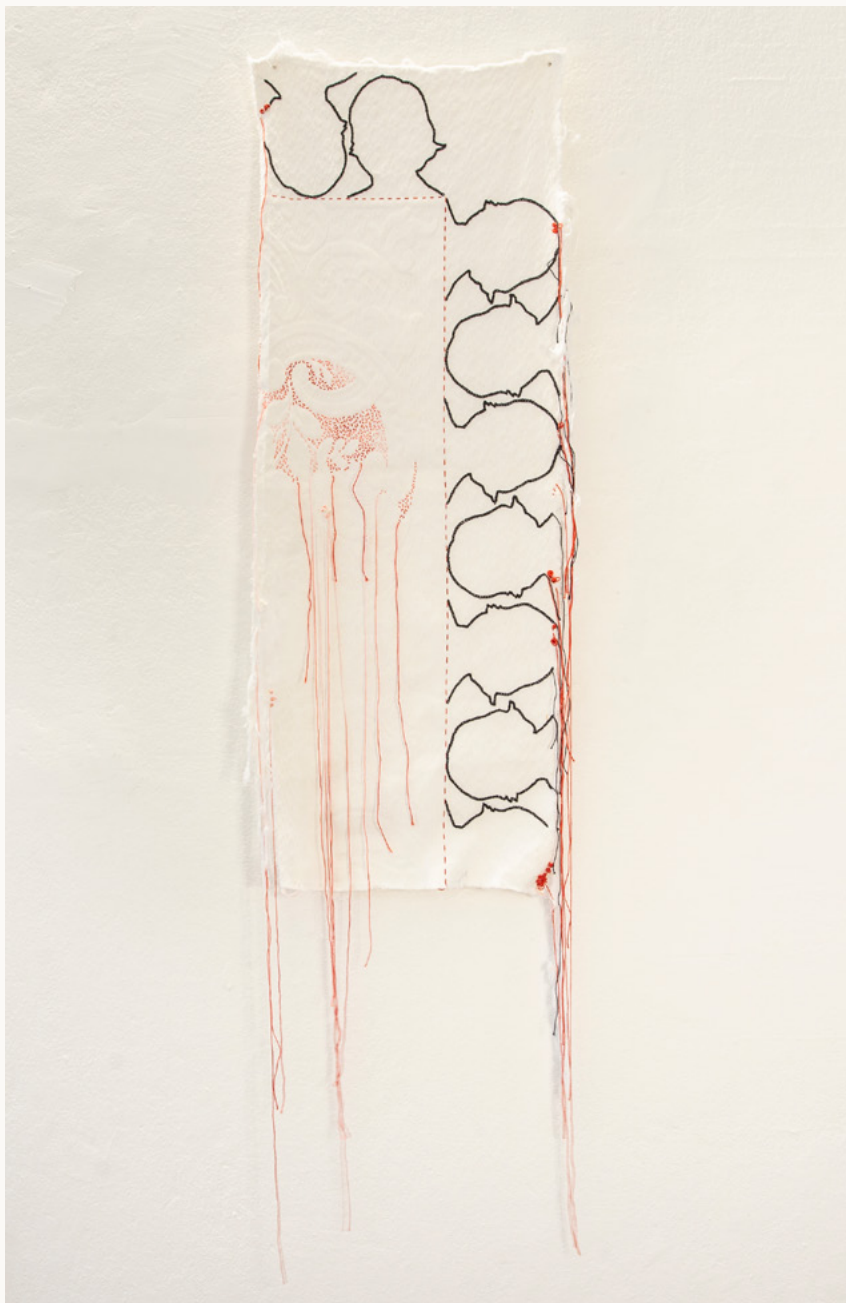


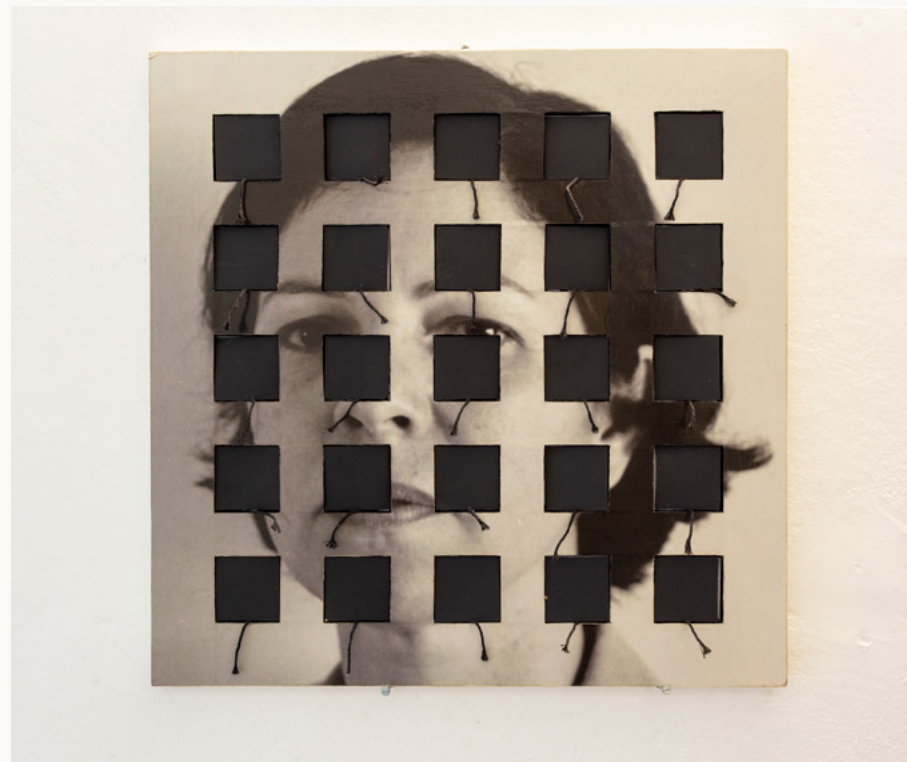
ROSA GRIZZO

Caminhar sobre a mesma linha



Foi o que restou, 2019.

Colcha de piquê antiga, fios de linha e barbante em diferentes espessuras.
70 x 25 cm



Jogos I, 2002.

Madeira, plotagem de fotografia sobre papel adesivo, xerox sobre papel e papel preto, barbante.
70 x 70 cm



Olhar

é um ato de ordem fisiológica e que envolve reações eletroquímicas. Descrito desta forma, o sentido da visão, responsável por 75% de nossa percepção, não aparenta sua impressionante complexidade. Basta lembrarmos que o mecanismo da visão humana gerou similaridades construtivas para as máquinas fotográficas. Aos “olhos mecânicos” falta, porém, a conjugação funcional como a que o olho humano possui com o cérebro. A avaliação do que é visto depende de condições socio-culturais. E ainda assim alguns olhares possuem uma inquietação que torna visível o que foi invisibilizado para a maioria das pessoas.



Sem Título (IX da série Lenços), 2020.
Bordado com linhas sobre lenço antigo.
23 x 23 cm



Desvelar

algo possibilita que aquilo que é ou tornou-se invisível assuma a condição de ser percebido pelo outro. Essa ação, o desvelamento, pode ser feita por sujeitos como cientistas ou artistas. No primeiro caso, um objetivo à ser atingido e experimentações com o rigor dos parâmetros científicos nos mostram aquilo que não podíamos ver (ou compreender). Já o artista age sob aspectos subjetivos e sem uma definição, à priori, de algo à ser atingido. Talvez aqui exista uma dificuldade adicional: é preciso que o artista desvele primeiro a si mesmo para, paradoxalmente, mostrar aos outros o que não é visível. Mas como compreender o que somos enquanto seres complexos?





Jogos III, 2002.
Madeira, plotagem recortada e adesivação.
60 x 60 x 15 cm

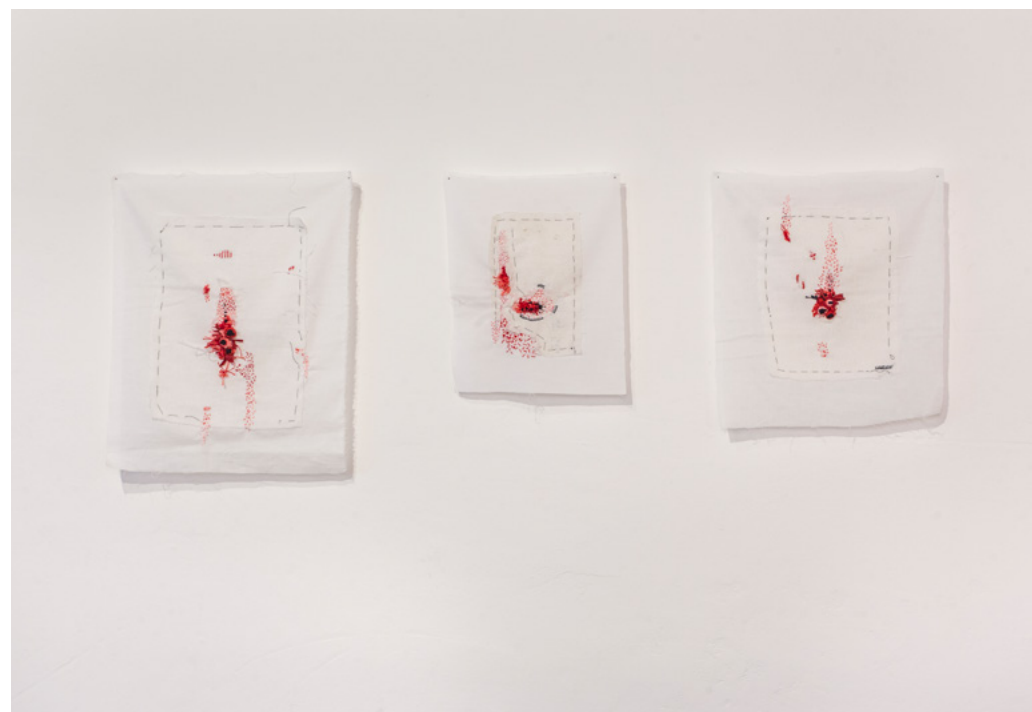
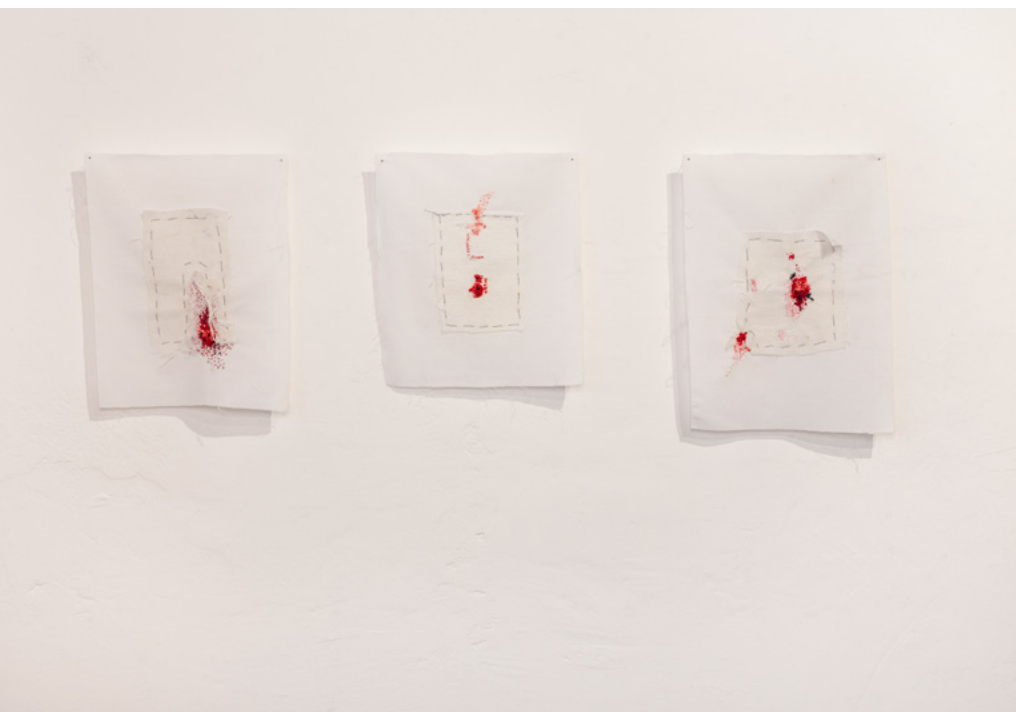




Série Lenços X, 2020.
Bordado com linhas sobre lenço antigo.
25 x 27,5 cm



Série Lenços XIII, 2021.
Bordado com linhas sobre lenço antigo.
27 x 26,5 cm



Dos puídos feridas [2018] / Dos puídos feridas II [2020].
Recorte de pano de prato puído, tecido branco, linhas e bordado.
Tamanhos variados.



Identificar

aquilo que somos é tarefa para uma vida inteira. Dois trabalhos de Rosa Grizzo (Jogos I e Jogos III, ambos de 2002) já indicavam essa busca pelo conhecimento de si onde, assim como na ideia consolidada do autorretrato, a artista recorria a sua própria imagem. Esse “espelho manipulável” permite não só que um artista veja a si mesmo mas, principalmente, qual a imagem que faz de si.

Em ambos o que surge é a ideia de um ser fragmentado, mas estes fragmentos que compõem o todo são fases do desenvolvimento deste ser, da infância à idade adulta. A junção de todas essas imagens forma a mulher representada. Impossível não pensar em Simone de Beauvoir e sua frase “não se nasce mulher, torna-se mulher”

Fotografias da série Caminhar invisível / Invisível caminhar, 2021.

Imagens impressas sobre papel Studio Enhanced, interferência com caneta permanente [série com 20 imagens].

21 x 28 cm





Pequenas Rotinas I, 2021.

Bordado com linhas sobre tecido branco, papel acartonado.
5 cm [diâmetro] e 0,3 cm [espessura]

Compreender

ou conscientizar-se sobre o espaço social que a mulher ocupa e sobre os conceitos de feminino e feminista se tornou uma condição incontornável. Nos últimos cinco anos Rosa desenvolveu formalmente essa abordagem, utilizando a linguagem do bordado/costura sobre superfícies de tecido. Estas superfícies são, normalmente, ligadas ao uso cotidiano (como na série Lenços) ou ao uso doméstico (colchas ou tecidos puídos como na série Dos puídos feridas). A especificidade da linguagem utilizada leva naturalmente aos questionamentos como uma fatura contrária ao que se espera do “bordado”; eles são irregulares, não buscam o bom acabamento, usam materiais diversos e a cor vermelha está sempre presente.



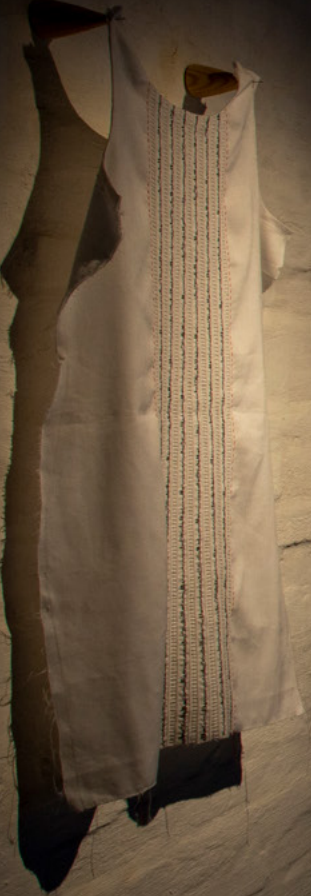
Guardanapo, 2018.

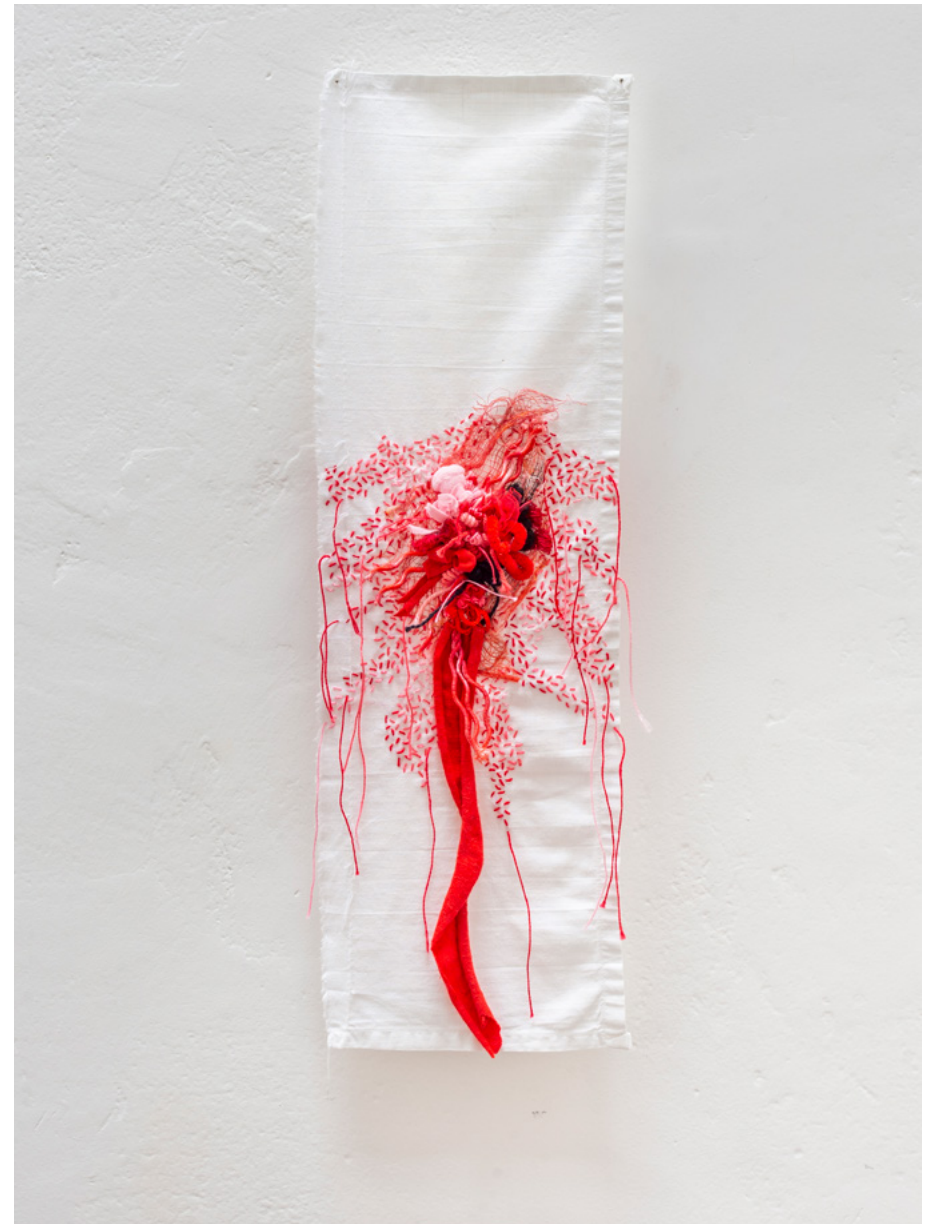
Bordado com linhas sobre objeto doméstico antigo, tecido branco.
38 x 38 cm



Vestido, 2022.

Bordado com linha sobre vestido antigo de cambráia de linho com amarril de bainhas a mão,
90 x 49 cm.





Qual a razão?, 2021.

Tecido antigo, bordado com linhas, gaze cirúrgica, lã, barbante e malha.
50 x 15 cm

Questionar

faz parte do trabalho de arte. Em maior ou menor grau todo trabalho de arte é político. Rosa opta por tratar do feminismo e seus desdobramentos à sua maneira ou, em suas palavras, “sem ser panfletária”. Isso não quer dizer que ela abra mão de uma visão crítica à condição feminina. Em seus trabalhos estão presentes a rotina estafante, invisível e não remunerada do trabalho doméstico, a própria invisibilidade de trabalhos associados ao que seria “feminino” e mesmo a violência física-sexual e opressão econômica ou do mercado de trabalho. Mas o que faz com que esses trabalhos possuam uma carga tão forte de camadas perceptivas, passíveis de interpretações conforme o repertório de quem os vê, conjugadas a soluções estéticas corretas?



É preciso ter coragem II, 2021.

Bordado com linhas sobre toalha antiga de tecido com crochê e papel japonês de restauro tingido. | 70 x 70 cm



Série Subjetivando IV, 2018.

Bordado com linhas, papel de restauro japonês em tecido branco.

15 x 15cm







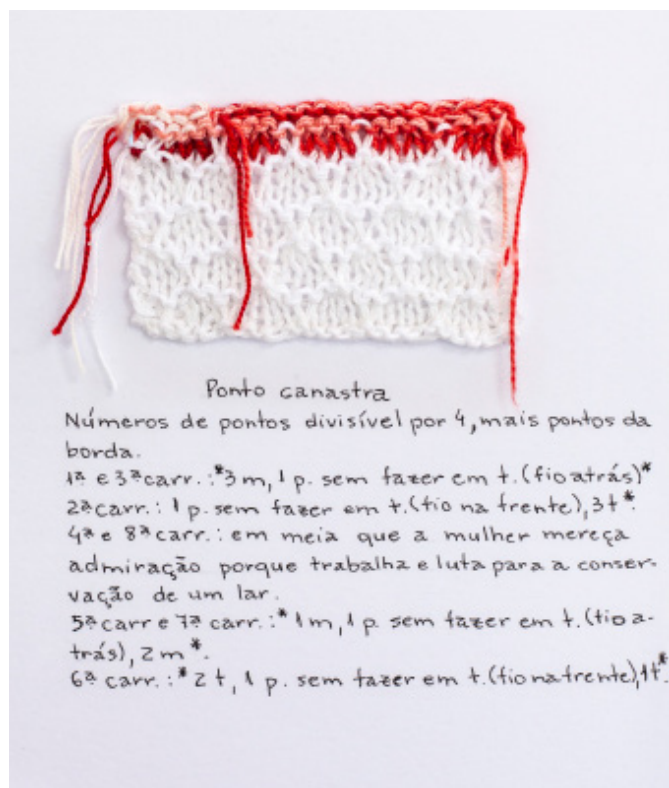
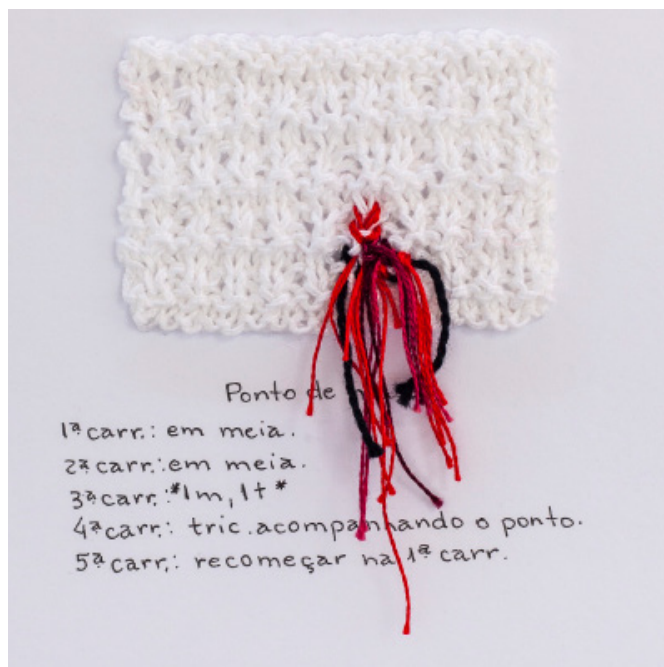
Detalhe



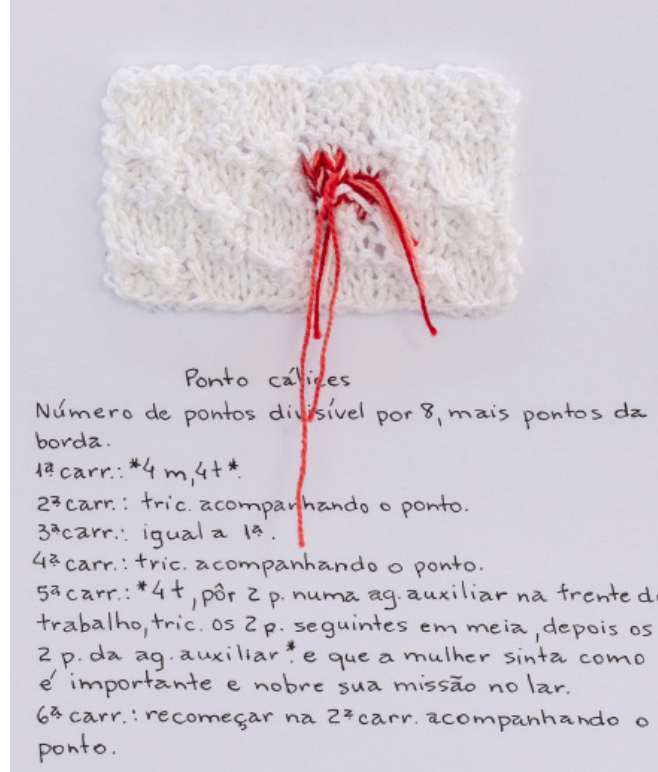
O que restou da Colcha III, 2019.

Colcha de piquê antiga, fios de linha, barbante, malha e lã em diferentes espessuras.

91 x 83 cm



Detalhes







O que restou da Colcha II, 2019.

Colcha de piquê antiga, fios de linha, barbante, malha e lã em diferentes espessuras.
220 x 170 cm

Consolidar

o processo de execução destes trabalhos foi muito árduo. Ao acompanhar o desenvolvimento de Rosa Grizzo e sua dedicação pude comprovar isto. E me perguntava o que os tornava tão potentes apesar da singeleza e/ou fragilidade que possuíam. Percebi que a resposta estava nos trabalhos de vinte anos atrás, os Jogos. A compreensão de si mesma contida na quase dissecação das imagens foi significativa, bem como a honestidade por trás do processo e da intenção formalizada. Ao se entender e conseguir lidar com a rotina e a invisibilidade associada a aspectos da condição feminina Rosa pôde voltar a trabalhar com a imagem. Da quase abstração de sua silhueta assim como na repetição que torna esta imagem um padrão gráfico, Rosa passa a elaborar fotos e vídeos onde ações cotidianas ligadas à rotina doméstica ou à uma atividade repetitiva e mesmo monótona (mas não tediosa!) como caminhadas encontram analogias na ação do bordar e sua repetição. Ou na percepção de cenas / imagens que passam ao largo da maioria dos olhares.



Fotografias da série Vestígios ou Palimpsestos, 2021.
Imagens impressas sobre papel Studio Enhanced [série com 6 trabalhos].
25 x 32,5 cm



O que restou da Colcha IV, 2022.

Bordado com linhas sobre colcha antiga de piquê, papel japonês de restauro tingido.
210 x 165 cm.

...

Perante ao trabalho infindável e invisibilizado ligado ao universo feminino, tão bem e belamente exemplificado em Vestido, Rosa converte o banal, o ordinário da vida, em extraordinário. Seus olhos e suas mãos nos mostram tanto a beleza das coisas mínimas e desimportantes quanto a força do que é considerado fraco. A interdição do descarte (num mundo consumista!) pela reabilitação através do afeto e da memória. E converte o que é infindável não em algo penoso, mas gratificante, desvelando o invisível para que possamos nos entender um pouco melhor.

Marcelo Salles,



CRÉDITOS / FICHA TÉCNICA

Artista Visual:

Rosa Grizzo

Curadoria, texto e expografia:

Marcelo Salles

Realização/Produção:

Casa Contemporânea

Fotografia:

Paulo Pereira

Projeto gráfico:

Eduardo Silva e Marcelo Salles



CASA CONTEMPORÂNEA

ATELIER EXPOSIÇÕES DEBATES